

Pórtico

Fahrenheit 451 e a falta que a história nos faz



Pedro Olavo Simões
Coordenador editorial

No mundo distópico criado por Ray Bradbury, em “Fahrenheit 451”, há nas escolas a disciplina de “transcrição de história”. E é hoje causa de espanto revisitar o romance, lançado há 71 anos, em que os bombeiros têm por missão incinerar todos os livros do mundo. O espanto está em reconhecer um rumo que os nossos dias tornam nítido: o nivelamento por baixo, o entretenimento stupidificante, a proteção paternalista das minorias como justificante de censura (os “leitores de sensibilidade” contratados por editoras, no mundo real, são isso e só isso), a aniquilação do espírito crítico... Faltou a Bradbury – seria pedir-lhe demasiado – imaginar a Internet, uma liça onde não há como não extremar posições e/ou abdicar de princípios. Exemplifique-se. Aquando da covid, houve grande confronto entre os defensores da ciência e os negacionistas anticência. Claro que a razão está com a ciência e com a humildade que esta tem quanto à sua revisibilidade, mas, justificando-se com a causa maior da saúde pública, muitos dos cientificamente esclarecidos quiseram silenciar os ignaros conspirativos, quando tanto se tem sofrido e morrido, através dos tempos, para impedir o silenciamento. O falhanço está, Bradbury sabia-o, no triunfo da ignorância, cujas causas estão a montante e não a jusante. As humanidades ajudam cada um a criar as suas ferramentas de interpretação do mundo, respeitando as ciências exatas mas fugindo à armadilha do preto e branco. Assim a história, que, se não serve para ajudar a pensar, não é mais que propaganda. Aulas de “transcrição de história” são viveiros de incapazes.

ÍNDICE

10

TEMA DE CAPA

As Guerras da Religião e o massacre de São Bartolomeu

32

DESTAQUE

Um clérigo homossexual da Sé do Porto para as garras da Inquisição

44

ENTREVISTA

Francisco Ribeiro da Silva

62

REPORTAGEM

Mosteiro de Semide aguarda a salvação após três incêndios

84

COISAS COMUNS

História e bizarras das máquinas de vending

003



Capa: Édouard Debat-Ponsan, “Uma manhã à porta do Louvre” (fragmento): a rainha-mãe, Catarina de Medicis, após o massacre de 1572

ESTATUTO EDITORIAL

O Estatuto Editorial da “Jornal de Notícias História” pode ser consultado online, no endereço <https://jnhistoria.jn.pt/estatuto-editorial>